

## **THOMAS MORE E OS EPIGRAMAS LATINOS: UM ESTUDO DE TRADUÇÃO**

Tais Turaça Arantes (UERJ e UFRJ)

Francisco de Assis Florêncio (UERJ)

**RESUMO:** O presente estudo possui como objetivo geral apresentar em seu escopo um estudo de tradução com comentários. Sendo assim, o corpus de análise são os epigramas latinos de Thomas More. A pesquisa é qualitativa e a sua metodologia é de cunho bibliográfico, valendo-se de publicações científicas em periódicos, livros, dicionário e anais de congresso. O embasamento teórico da primeira parte traz estudos dos pesquisadores da área da literatura, filosofia e teologia, tais como: Wood (1999); Ranson, 2009, Hoschele (2015), dentre outros. A conclusão do nosso trabalho é de que os epigramas possuem uma grande importância dentro da obra de Thomas More, pois além de mostrar a sua habilidade de escrita com o gênero, também demonstra quão grande conhecedor da língua latina ele era.

**Palavras-chave:** Thomas More; Tradução; Epigramas.

### **THOMAS MORE AND LATIN EPIGRAMS: A STUDY OF TRANSLATION**

**ABSTRACT:** The present study has as its general objective to present in its scope a translation study with comments. Thus, the corpus of analysis is Thomas More's Latin epigrams. The research is qualitative and its methodology is bibliographic in nature, making use of scientific publications in periodicals, books, dictionary and conference proceedings. The theoretical basis of the first part brings studies by researchers in the field of literature, philosophy and theology, such as: Wood (1999); Ranson, 2009, Hoschele (2015), among others. The results show that epigrams are of great importance within Thomas More's work, because in addition to showing his writing skills with the genre, it also demonstrates that he was a great connoisseur of the Latin language.

**Keywords:** Thomas More; Translation; Epigram.

## Introdução

No que concerne ao gênero epigramático, precisamos nos atentar que a raiz etimológica da palavra epigrama vem do termo grego ἐπίγραμμα – derivado do verbo ἐπιγράφω, que significa “escrever sobre”, “inscrever” e “gravar uma inscrição”. Dessa forma, os epigramas foram, em sua criação, inscrições anônimas ou de poetas de ocasião, cuja composição era edificada através de pequenas sentenças ou palavras isoladas (SILVA, 2014, p. 17).

Nesse sentido, Hoschele (2015) nos explica que de todos os gêneros poéticos antigos o epigrama é o único que foi, desde o seu início, concebido para ser uma recepção do leitor, não como algo para ser decorado por aquele que o declamaria, visto que um epigrama é uma declaração breve, interessante, às vezes, surpreendente ou satírica.

No que concerne aosepigramas latinos de Thomas More, eles foram amplamente lidos tanto entre os intelectuais europeus contemporâneos dele, quanto durante o subsequente desenvolvimento da poesia inglesa. Em outras palavras, o portfólio poético de More, demonstra a força e destreza de sua inteligência, como também a amplitude de suas faculdades (RANSON, 2009).

O objetivo geral deste trabalho é contribuir para os estudos de língua latina através da tradução de três epigramas de Thomas Moore; e os específicos seriam: a) Traduzir os seguintes epigramas de Thomas More: *In Mortis Diem Omnibus Incertum, Vita ipsa cursus ad mortem est, De morte*; b) Analisar a importância dos epigramas na obra de More.

Está ligada à tradução uma ação de transferência de significado de uma língua para a outra; levando em consideração um número de restrições, que são: incluir palavras, contexto, regras gramaticais, cultura, convenções de escrita e palavras ou enunciados difíceis de traduzir. Os estudos de tradução é uma área de pesquisa importante no século XXI, visto que a mesma emergiu e floresceu como um campo que possui muitas ideias provenientes de outras áreas como a antropologia, filosofia, literatura, linguística, estudos literários, semiótica, entre outros. As traduções desempenham um papel crucial na comunicação humana, sejam essas traduções escritas ou faladas (SHARMA, 2001).

Para Roman Jakobson (1959), existem três tipos de tradução:

1) A tradução intralingual ou reformulação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.

2) A tradução interlingual ou tradução propriamente dita consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.

3) A tradução intersemiótica, ou transmutação, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais (1959, p 64-65).

Sendo assim, os conceitos abordados para a tradução dos epigramas de Thomas More são o da tradução interlingual, que engloba o texto de partida, o leitor-textualizador e o texto de chegada.

### **1. Vida e obra de Thomas More**

A escolha para se estudar Thomas More está atrelada à explicação do pesquisador Toups (1980) que disserta que o espectro de More assombrou, e ainda assombra a imaginação dos britânicos e, em menor medida, dos autores americanos desde a época da sua execução, isso pode ser visto em como More aparece como um personagem literário ou é mencionado (muitas vezes como um exemplo de honestidade intelectual) em obras literárias de diferentes gêneros e culturas desde a sua execução por alta traição em 1535.

O estudioso Wood (1999) nos explica que More foi um mártir e um santo inglês completo. Ele ressalva em seus escritos que sua imagem foi aquecida por diferentes visões, uma vez que o mesmo é visto como um mártir católico porque morreu em oposição ao divórcio de Henrique VIII e de Catarina de Aragão e o roubo da liderança da Igreja Inglesa das mãos do papa pelo rei. Ele morreu em defesa de uma intolerância autoritária, contudo morreu acreditando em Deus e na autoridade do papa e da Igreja Católica. Outro acontecimento interessante, do ponto de vista histórico e acadêmico, sobre a ligação do More com o catolicismo é o fato dele, enquanto lorde chanceler, ter aprisionado e interrogado luteranos, em algumas situações em sua própria casa, assim como enviou seis reformadores para serem queimados na fogueira.

Outro ponto de vista é apresentado pelo pesquisador Ackroyd (1999), que nos demonstra em seus escritos uma imagem de Thomas More realizada sobre um prisma de admiração católica e do moderno determinismo acadêmico. No livro *The life of Thomas More*, regado nos estudos da história medieval, não se faz uma sessão histórica, e sim uma explicação confiável e comovente da religião comum da Inglaterra do século XVI. Os escritos nos remetem para uma visão misericordiosa, banhada em sentimentos, sobre a batalha de Moore contra os luteranos. O autor é compassivo com os panfletos anti-luteranos da década de 1520.

Os estudos realizados sobre More nos remetem a pensar nas visões que ele deixou para aqueles que estiveram com ele em vida, uma vez que nas palavras de seu genro, William Roper, que morou durante 16 anos na casa do sogro, Thomas More é descrito como um homem de virtude singular e de consciência clara sem mancha. Ele também nos explica que Thomas More foi educado em língua latina na Igreja de Santo Antônio, em Londres (ROPER, 2003). Ainda nesse âmbito familiar é importante ressaltar que quando seu sobrinho William Rastell publicou a obra “More English” em 1517, em que se elogiava a “eloquência fantástica, excelente aprendizado e vertentes morais” dos trabalhos que ele escreveu, não parece que seria a poesia em inglês que Rastell estava em mente, pois os versos em inglês parecem como um exercício preparatório de sagacidade, antes de More encontrar o lugar na cena intelectual com a língua latina. Isso alerta para a questão de que antes de compreender o relacionamento de More com a poesia inglesa, deve-se começar com a poesia que More mais parecia valorizar: seus epigramas latinos; o seu *Epigrammata* demonstra que More parece ter levado esses poemas muito a sério, mesmo que como apenas um meio de distribuição de seus pensamentos pela Europa (RANSON, 2009).

Nesse sentido, sobre os conhecimentos linguísticos e literários de More, é importante ressaltar que em Londres, More escreveu e deu várias palestras de gramática e retórica, que acabou por gerar uma competição amigável com William Lily. Thomas também traduziu para o latim uma grama de epigramas gregos; isso se torna interessante, pois a maneira como esse trabalho de tradução foi publicado, tornava evidente que Thomas ao fazer essa atividade de tradução não estava ligado intimamente em espalhar o conhecimento das belezas da literatura grega, mas sim estava centrado em mostrar a sua proficiência de tradutor nas línguas clássicas. More competia tanto com Lily quanto com Erasmus nessa questão de quem realizava uma melhor tradução (NELSON, 1945).

Ranson (2009) também ressalta a relação entre Erasmus e Thomas More, pois sem entender esse relacionamento fica complicado compreender o percurso dos epigramas de More. Para corroborar com o entendimento dessa relação de amizade é interessante ressaltar um estudo datado de 1945, do autor William Nelson, traz uma perspectiva sobre essa amizade entre Thomas e Erasmus, visto que o texto em questão traça um pequeno panorama de estudos relacionados a More em seu período de canonização que representou uma tentativa de enfatizar as qualidades santas de More, assim como das obras que apoiou a sua reivindicação para a canonização; sendo assim, Nelson (1945) aponta que esses biógrafos acabaram por dar pouco peso para as suas atividades

humanistas, seus escritos seculares em latim e sua amizade com Erasmus, que era um personagem duvidoso do ponto de vista da contra-reforma.

Compreende-se que Thomas e Erasmus eram amigos e que o segundo possuía “liberdade” para tecer comentários referentes a More. Dessa forma, Ranson (2009) explica que, do ponto de vista de Erasmus, alguns desses poemas latinos escritos por More não se classificariam como epigramas e dificilmente são epigramáticos. Isso, claro, partindo-se da definição do epigrama como um pequeno poema que é criado a partir de um ponto proverbial ou satírico como uma conclusão espirituosa; o que vai de encontro a alguns epigramas de More, que não são curtos, proverbiais, satíricos ou espirituosos. Nesse ponto é interessante apontar que existem muitos exemplos de várias tentativas de um mesmo epigrama, como se Erasmus se apoderasse de vários rascunhos e viesse a decidir qual o de sua preferência.

Outro fato importante apontado por Ranson (2009) é que embora Thomas More tenha pedido a seu amigo Erasmus que lesse e julgasse uma série de piadas contra o poeta francês Germain de Brie, conhecido como Brixius. Erasmus não cortou essas piadas quando foi julgar os epigramas de More, o que criou uma rivalidade entre os dois amigos. Dessa forma, More submeteu os seus poemas e publicou os 260; o que emergiu do trabalho de *Froben's Publishing House* de Basileia no final da publicação de *Utopia*, em 1518, sob o título *Epigrams of the most famous and learned Englishman* de Thomas More. Sendo assim, o portfólio poético de More demonstra não apenas a força e destreza de sua inteligência, mas também a amplitude de suas faculdades.

Percebe-se que a figura de Thomas More se configura em várias vertentes históricas, visto que para uns ele foi um mártir e para outros um inquisidor, visto o fato de mandar queimar alguns luteranos. Mas esses pontos de vista são extremamente importantes para o desenvolvimento desse estudo, pois conhecer as suas várias faces históricas contribui para um entendimento mais profundo de seus escritos, uma vez que o pesquisador Collins (2010, p. 11) nos aponta que a “sensibilidade à sociedade de seu tempo faz com que T.M. crie antagonismos. A uma sociedade em que se evidencia o vício, ele apresenta o modelo de uma sociedade virtuosa”.

Nesse sentido, é interessante ressaltar que quando se trata de estudar a obra de Thomas More os estudos são geralmente voltados para a sua obra *Utopia*, como supracitado, devido ao teor político e filosófico da obra. O pesquisador Damian Grace (1985) nos explica que existe um viés no estudo da teoria política em direção das discursividades das obras de Thomas; para os historiadores da filosofia e do pensamento

político, o cerne está em *Utopia*, que se complementa com outras obras, como *A história do Rei Ricardo II* e *Epigrammata*, que acabam por serem apenas mencionadas como obras de apoio. Grace (1985) ainda nos atenta ao fato de que é necessário ter um olhar mais atento para os epigramas de More, pois muito além de um status especulativo da teoria política, muitos epigramas de More trabalham outras temáticas que são igualmente importantes. Observa-se a citação a seguir que explica de forma mais profunda os epigramas de More:

Os epigramas de More, como os temos, parecem ter sido escritos entre 1509 e 1519. Eles foram publicados pela primeira vez com a terceira edição de *Utopia* em 1518 e revisados e parcialmente corrigidos por More para uma nova edição em 1520. O *Epigrammata* de 1520 compreende 253, principalmente poemas latinos curtos. Os cinco primeiros foram peças de apresentação escritas em 1509 para a coroação de Henrique VIII, e 102 outros foram traduções da Antologia Grega. More se interessou em ter seus versos publicados, mas sua boa recepção entre seus contemporâneos não ecoou nos leitores modernos (GRACE, 1985, p. 115. *Tradução livre*).

Finaliza-se esse tópico sobre a vida e a obra de Thomas, dando mais atenção aos seus epigramas. Sendo assim, no próximo tópico discorreremos mais sobre o gênero epigramático.

## 2. O gênero epigramático

Neste tópico se abordará de forma mais amíuê o gênero epigramático. Sendo assim, é necessário compreender que o termo “epigrama” é atribuído às estruturas poéticas que tomam a forma de uma inscrição votiva ou funerária, contudo a essência de seu tema não fica restrito somente a isso, é necessário apontar que existe uma vasta produção de poemas sobre temas erótico-sentimentais, morais, cômico-satíricos, anedóticos e descritivos, predominantemente em dísticos elegíacos, mas também em metros iâmbicos e líricos (CITRONI, 2018). A citação a seguir nos esclarece um pouco mais sobre o que é um epigrama.

A etimologia da palavra é clara: um epigrama, é uma inscrição, isto é, um texto, em prosa ou em verso, gravado sobre um monumento, em particular, sobre um túmulo ou sobre um pedestal de uma estátua, e destinado a indicar em algumas palavras quem é o personagem sepultado ou representado na estátua [...] Era assim considerado como epigrama, no sentido amplo do termo, todo poema caracterizado pela brevidade e pela concisão, duas qualidades às quais se ligava frequentemente – mas não necessariamente – o humor, indo, às vezes, até à ironia mordaz (MARTIN; GAILLARD, 1981 *apud* RIBEIRO, 2011, p. 30-31).

A introdução da tese da pesquisadora Rocha (2020, p. 9), apoiada nos escritos de Luana Cruz da Silva de 2004, nos explica que o uso do termo epigrama para designar estas inscrições é tardio, contudo já existia, no século VIII a.C., a evidência de inscrições que tinham as características que agora são reconhecidas como pertencentes ao gênero epigramático. Rocha (2020) cita, como exemplo, a inscrição encontrada no vaso de Dípylon ou na taça de Nestor.

É interessante pensar que do ponto de vista histórico, como apontado por Citroni (2018), o epigrama geralmente é considerado por alguns como menor, um gênero marginal, mesmo assim o epigrama demonstrou uma grande vitalidade não menos durável do que outros gêneros de prestígio. Sendo assim, Citroni (2018) ressalta que isso pode estar atrelado ao fato da composição dos epigramas, já atestada no final do século VIII a.C. e que continuou quase ininterrupta até a antiguidade; nesse sentido Moitinha (2011, p. 31) explica que, “indubitavelmente em todas as épocas da literatura grega, existiu o epigrama, contudo destacou-se sobretudo no período helenístico. Sem sombra de dúvida, o epigrama atingiu o seu maior desenvolvimento gênero literário autônomo na época da Alexandria”. No que tange ao período helenístico, a história inicial do epigrama grego é uma história de inscrições em versos, embora já existissem inscrições métricas não epigramáticas, como trechos de músicas em cerâmica. (Gaunt 2014).

Quando visto a partir das perspectivas do clássico inscrito epigrama e epigrama literário helenístico, essa história parece direta. A partir do século VII a.C. tipicamente pequenos poemas compostos especificamente para inscrição apareceram em vários tipos de objetos, a maioria dos quais os textos se identificam como marcadores graves ou dedicatórias aos deuses. Estes eram frequentemente mono-umental: estelas, estátuas ou outros objetos exibidos em cemitérios e santuários geralmente montados em bases que finalmente se tornaram o local normal para epitáfios e inscrições dedicadas. Epigramas continuaram sendo inscritos por séculos em monumentos sepulcrais e para retratos dedicados a vitoriosos atletas, pelo menos em alguns locais; mas, desde o período clássico, houve um encolhimento e a porcentagem de inscrições relevantes era mínima, aparecendo apenas excepcionalmente, por exemplo, em monumentos de retrato que proliferaram desde os primeiros tempos helenísticos (DAY, 2018. p. 230).

Citroni (2018) explica que a palavra ἐπίγραμμα significa “inscrição”, em outras palavras, um texto inscrito ou pintado para um objeto; é importante ressaltar que outros

significados são: “anotação” e “título”. É importante se atentar ao fato de que uma inscrição pode ser publicada com um texto, que normalmente são leis, decretos, pactos, entre outros, na qual existem razões para a sua divulgação, independente da tábua em que está inscrito, que é apenas o seu suporte: “ἐπιγραφή e ἀναγραφή geralmente eram usadas para esse sentido” (CITRONI, 2018, p. 23). De uma forma alternativa, sua função pode atribuir outro significado ao objeto em que está inscrito e que acaba por preservar a memória desse significado sobre o tempo, por exemplo, o significado pode estar atrelado em atestar quem o fez, ou para quem o possuiu, assim como para qual divindade o ofereceu, ou até mesmo quem é a pessoa que está enterrada. Mediante a essas informações, é interessante se atentar que o epigrama também pode fornecer informações sobre a vida ou as circunstâncias da morte, assim como pode contemplar as obras e as virtudes da pessoa comemorada ou os motivos que levaram a oferta para alguma divindade ou até outra pessoa. Logo, para inscrições com essas funções, que são especialmente escritas em verso, a palavra ἐπίγραμμα, foi bem utilizada desde o século V (CITRONI, 2018).

Em complementação a essa ideia, o autor Citroni (2018), dando um salto temporal, também explica que após uma presença intermitente na Idade Média, a nova florescência do gênero no Renascimento, com base na recuperação de suas formas antigas, abriu a rica e viva história do gênero epigrama na literatura da Europa, que se estende até o início do século XIX.

Logo, Citroni (2018) nos explica que também foram escritas coleções de epigramas durante o século XIX e XX, mesmo que de forma episodicamente e com uma característica mais própria e experimental. Percebe-se que os epigramas possuem uma vida “tão longa e que sua presença extensa é uma indicação da capacidade do gênero de responder às necessidades substantivas e não efêmeras de poetas e plateias em diferentes circunstâncias históricas e contextos culturais” (CITRONI, 2018, p. 20. *Tradução livre*).

Mesmo com todas essas informações e estudos já existentes sobre os epigramas, Citroni (2018) ressalta que ainda é problemático definir esse gênero, pois existem duas razões, distintas e ao mesmo tempo interconectadas, para isso: “uma variedade de conteúdos e formulários que parecem difíceis de se encaixar em uma única categoria; e a incerteza dos limites que o separam de outros gêneros com características semelhantes” (CITRONI, 2018, p. 20. *Tradução livre*).

Sendo assim, Garulli (2018) explica que se demanda certo trabalho para se descrever a história do epigrama antigo, para isso precisa-se ter em vista toda a gama de formas



adotadas pelo que se chama de epigrama na antiguidade clássica. Pois o epigrama é um fenômeno de grande variação que dificilmente pode ser enquadrado e categorizado. Independentemente dos nomes que ele possui em grego, originalmente o epigrama era um texto inscrito em um objeto físico, como exposto por Day. Ao longo do tempo ele tornou-se mais variado em sua forma poética, mas ainda assim poderia ser inscrito em um objeto físico, não sendo isso, porém, obrigatório. Por isso que essa dupla natureza deu rótulos para o epigrama, que poderia ser “inscrutivo” e “literário”.

### 3. Tradução e comentários dos epigramas

Neste capítulo apresentaremos a tradução de cinco epigramas de Thomas More intitulados: *In mortis diem omnibus incertum*, *Vita ipsa cursus ad mortem est*, *De Morte*. Como explicado anteriormente, utilizamos o conhecimento de uma tradução interlingual.

#### **In Mortis Diem Omnibus Incertum**

Fleres, si scires unum tua tempora mensem.

Rides, quum non sit forsitan una dies.

#### **Sobre o dia da morte que é incerto para todos**

Choraria, se você soubesse que o seu tempo é de um mês.

Ri, quando não é, talvez, um dia.

Começaremos aqui analisando o título do epigrama. A preposição *In* significa ‘para’, ‘em direção a’ ou ‘dentro’, como no idioma inglês, e geralmente é utilizado em títulos para significar “sobre”, regendo acusativo, como ocorre no título deste epigrama. Depois nos deparamos com a palavra *Mortis*, que vem do substantivo *mors*, que deu origem à palavra morte na língua portuguesa, contudo é necessário se atentar que a forma escrita no título é singular genitiva, traduzida por *da morte*. Sendo assim, como a palavra está no caso acusativo ainda se precisa esperar pelo substantivo acusativo que irá acompanhar a palavra *In*. A próxima palavra que aparece no título é *Diem*, que significa dia, como ela está no acusativo, logo é a palavra que está sendo regida por *In*. Sobre a palavra *Omnibus* que vem do adjetivo *omnis*, e, que significa ‘tudo’, no título está na forma plural do caso ablativo. Por fim, a última palavra do título *Incertum*, que vem do

adjetivo *incertus*, que se traduz por ‘incerto’ ou ‘desconhecido’. A palavra *Incertum* concorda com a forma *diem*, que faz relação com o dia a dia que de certa forma é desconhecido para todos, por isso que o título ficou traduzido como “Sobre o dia da morte tudo é incerto”.

No que tange à tradução do corpo do epigrama, temos em primeiro o verbo *Fleres*, que vem da palavra latina *flere*, que significa “chorar”. Aqui temos algo muito interessante, pois é uma forma chamada de subjuntivo imperfeito, que na língua latina é capaz de expressar uma condição que seria contrária ao fato, por exemplo, você estaria chorando, porém não está, sendo assim, optamos por colocar “choraria” na tradução. A conjunção *si* significa ‘se’. A palavra *Scires* é do verbo latino *scire*, que significa ‘saber’, é interessante pensar que essa palavra deu origem a Science da língua inglesa; *Scires* também segue o modelo de *Fleres* e está na forma subjuntiva, ou seja, *Fleres si scires*, “choraria (mas não está) se soubesse (mas também não sabe)”. Temos agora as palavras *tua* e *unum*. *Tua* vem do pronome latino *tuus*, que é o pronome “teu”, por estar no plural neutro não se refere a palavra *unum*, que é singular masculina. Para dar andamento à tradução, espera-se mais dois substantivos. Sendo assim, a palavra *Tempora* vem de *tempus*, que pode significar “tempo” ou “estação” e nesse caso ela concorda com a palavra ‘tua’ e se forma uma frase substantiva: *tua tempora*, que traduziu-se por “seu tempo”. A palavra *ensem*, que significa ‘mês’, é um substantivo masculino e, por estar no acusativo, segue *unum* que forma a frase substantiva: *unum mensem*, que traduzimos por “um mês”.

*Rides*, vem do verbo latino *ridere*, que significa ‘rir’; é um verbo no presente, no modo indicativo, segunda pessoa do singular. *Quum* significa ‘quando’, ‘também’, e pode expressar uma conexão causal que pode ser usada para expressar tempo ou causa. A palavra *non* significa ‘não’. *Sit* é o verbo da frase, do latim ‘esse’, ‘ser’; esse verbo está na forma subjuntiva, terceira pessoa do singular. *Forsitan* é um advérbio latino que significa ‘talvez’ e reforça a qualidade do verbo *sit*. *Una dies* é o assunto do verbo que significa ‘um dia’.

Mais alguns comentários desse epigrama:

A palavra ‘Morte’, em língua portuguesa, que é o tema central, vem da palavra latina *mors*. Em antigas épocas, quando a morte se fazia “mais presente”, o Indo-Europeu criou a raiz *mor-*, que, por exemplo, deu origem a palavra “morrer”, da qual outras

palavras descendem quando se trata da matéria, entre elas, ‘mortandade’, que significa um grande número de mortes (Dicionário Etimológico, 2020).

A palavra ‘Tempo’ tem sua origem no latim, sendo uma derivação da palavra *tempus*, *temporis*, que traz como significado “duração, instante, segundo, minuto, dia, hora”, entre outras (Dicionário Etimológico, 2020).

A palavra ‘Rir’ em língua portuguesa tem sua etimologia no latim: *ridēo*, *es*, *rīsi*, *rīsum*, *ridēre* ‘rir, rir-se de’ (Dicionário Etimológico, 2020).

### De morte

Somniat, hic ditem qui se putat esse, videtque  
morte experrectus ilico quam sit inops.

### Sobre a morte

Em sonho, ele acredita que é rico, e vê  
quando a morte o acorda, como ele é pobre.

Começaremos pelo título, que se inicia pela preposição *de*, que rege ablativo, razão pela qual aparece logo depois *morte*, no ablativo, e oriunda do vocábulo *mors*, *mortis*. A palavra *somniat* é a terceira pessoa do singular do presente do indicativo ativo de *somniō*, nesse caso, isso é um indicativo de que a escrita desse verso está voltada para a terceira pessoa do singular *ele*. *Hic* é um pronome demonstrativo do gênero masculino, da terceira pessoa. Nesse sentido, precisamos buscar o verbo da oração principal, que é *putat*, que vem do verbo regular *putare*, e no caso está conjugado na terceira pessoa do presente do indicativo, que se traduz por *acredita*. Mas em que ele acredita? em sonho? A tradução prossegue a partir da palavra *ditem*, forma acusativa, que traduzimos pela palavra ‘rico’; *qui* é um pronome relativo masculino, e o verbo *esse* está no infinitivo, caracterizando uma oração subordinada de sujeito acusativo. Sendo assim, a tradução ficou “Em sonho, ele acredita que é rico”.

Agora partimos para a próxima frase: começamos por *videt*, terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *videre*, que significa “ver”. Depois se parte para a palavra *morte*, já explicada anteriormente, e na sequência temos a palavra *experrectus*, que vem de *expergisci*, verbo regular, que significa “acordar”. Sendo assim, a segunda frase fica organizada da seguinte forma “e vê quando a morte o acorda”, mas

a tradução ainda não está completa de sentido, porque ainda se falta completar o verbo *videt*. *Sit* na forma irregular, conjugação do verbo *esse*, que traduzimos por “é”. *Quam* é o advérbio, que foi traduzido “como”. A palavra *inops* foi traduzida por “pobre”, e agora se tem a complementação do verbo transitivo “ver”, ficando estruturada da seguinte forma a frase completa “e vê quando a morte o acorda, como ele é pobre”.

Mais alguns comentários desse epigrama:

- a) A palavra *vídeo*, conforme utilizada em língua portuguesa, pode significar, de acordo com o dicionário Priberam (2020), técnicas que permitem registrar magneticamente ou mecanicamente a imagem e o som num suporte ou aparelho eletrônico que permite gravação simultânea de som e imagem em fita magnética ou formato digital, e que permite reproduções futuras de cenas que podem passar como atuais em relação ao momento em que estão sendo exibidas. Sendo assim, vemos que a sua etimologia vem do verbo *videre* do latim, que significa “ver”.

### **Vita ipsa cursus ad mortem est**

Nugamur, mortem que procul, procul esse putamus.

At medijs latet haec abdita visceribus.

Scilicet ex illa, qua primum nascimur hora,

prorepunt iuncto vitaque morsque pede.

Partem aliquam furtim qua se metitur, et ipsam

surripit e vita quaelibet hora tua.

Paulatim morimur, momento extinguimur uno;

sic oleo lampas deficiente perit.

Ut nihil interimat, tamen ipso in tempore mors est.

Quin nunc, interea dum loquimur, morimur.

### **A própria vida é um caminho para a morte**

Nós brincamos, e pensamos que a morte está longe, muito longe.

Mas ela está oculta nas nossas vísceras

Claramente, na hora em que nascemos,

Tanto a vida quanto a morte rastejam adiante.  
 Qualquer hora em todos os roubos de sua vida, alguma parte pela qual é  
 secretamente medida, e a si mesma também.  
 Pouco a pouco morremos e somos extinguidos em um momento;  
 Uma lâmpada morre quando fica sem óleo.  
 Mesmo quando não destrói nada, a morte está no próprio tempo.  
 Mesmo agora, enquanto falamos, estamos morrendo.

Ao longo das realizações das traduções, algumas palavras se repetem. Sendo assim, nesse epigrama, nossos comentários serão breves. No primeiro verso, temos a palavra *Nugamur*, que é primeira pessoa do plural do presente do indicativo de *nūgor*; sendo assim, traduzimos por “nós brincamos”. O que funciona como a conjunção aditiva “e”. *Mortem* está no acusativo singular feminino e traduzimos por “morte”, enquanto a palavra *procul*, traduzida por “longe”, funciona como um advérbio. Sendo assim, ainda precisamos de um verbo para essa frase, que, no caso, é *putamus=putare*, um verbo regular, que está conjugado na primeira pessoa do plural. Por isso, o primeiro verso ficou traduzido da seguinte forma: “Nós brincamos, e pensamos que a morte está longe, muito longe”.

A palavra *latet = latere* é o nosso verbo do segundo verso, traduzido por “oculta”, e esse verbo ainda se refere à morte do primeiro verso. *Visceribus=viscus*, ablativo neutro plural, “víscera”; sendo assim, a morte está oculta em nossas vísceras, ou seja, é algo iminente ao destino do homem.

Mais alguns comentários desse epigrama:

- a) A palavra *vita*, presente no epigrama, deu origem às palavras “vida” e “vitamina”. Sobre a palavra “vitamina”, ela surgiu na língua portuguesa através do termo em inglês *vitamin*, que foi criado em 1912, a partir da junção do latim *vita*, que significa “vida”, e *amine*, retirada de *aminoacid*, que quer dizer “aminoácido” (Dicionário Etimológico, 2020). A palavra “vida” veio de *vitam* (Dicionário Michaelis, 2020).
- b) A palavra “víscera” teve sua origem na palavra *viscēra* (Dicionário Michaelis, 2020).

- c) A palavra “momento”, que aparece de forma considerável no epigrama, vem do latim momentum. A palavra, em língua portuguesa, pode ter o significado de “um mínimo espaço em que o tempo se divide” (Dicionário Michaelis, 2020).
- d) A palavra “extinguir”, na língua portuguesa, veio da palavra latina *exstinguere*, que traz o significado de “aquilo que se faz desaparecer por completo”. No epigrama, é a morte que faz o ser humano desaparecer.

#### 4. A importância dos epigramas na obra de More

Como supracitado, Thomas More é muito estudado devido a sua obra *Utopia*, termo que ele criou a partir das duas palavras gregas: “*ov*” (não) e “*τοπος*” (lugar). Essa obra “escrita por Thomas More caracteriza-se por apresentar no livro II o relato de um navegador português, Rafael Hitlodeu, que narra a estrutura da melhor constituição de uma república que ele conheceu, localizada no além mar” (SOUSA, 2017, p. 108). *Utopia* fez com que Thomas fosse estudado dentro de diversas áreas de humanas, entre elas a filosofia.

Se digitarmos no **Google Acadêmico** uma busca por pesquisas em língua portuguesa, pelo nome de “Thomas More”, temos aproximadamente 4.140.000 resultados. No mesmo site de busca de estudos acadêmicos, se colocarmos como busca “Thomas More Utopia”, aparecem 324.000 resultados, assim como se optarmos por buscar “Thomas More e epigramas”, esse resultado cai para 6.370 resultados. Observa-se que, em língua portuguesa, existem poucas pesquisas sobre os epigramas em relação às outras voltadas para essas criações de More. Sendo assim, estudar os epigramas contribui de forma significativa não só para os estudos de latim, mas também para os de aprofundamento sobre o próprio Thomas More.

Thomas More contribuiu de forma significativa para a redescoberta da literatura grega na Inglaterra. No que tange aos textos gregos da época, eram antigos e, até o início do século XVI, exceto para alguns eruditos, eram conhecidos apenas por suas traduções em latim (PHÉLIPPEAU, 2013). As duas razões que impediram a sua difusão antes do século XVI: “os manuscritos se encontravam na Itália e os livros circulavam apenas copiados, antes da existência da imprensa” (PHÉLIPPEAU, 2013, p. 163). Como já citado anteriormente, More realizou os seus estudos tradicionais em Oxford durante dois anos,

e o latim era a língua base, enquanto a lógica, a retórica e a gramática eram objetos de exercícios cotidianos. É preciso lembrar que, naquela época, a educação só poderia estar ligada à religião e a literatura profana era algo muito rápido para que alguma criança pudesse dela tirar algum proveito moral. Sendo assim, seus professores de grego eram William Grocyn e Erasmo. Além de aprender a língua, More acabou por entrar nos estudos humanistas (PHÉLIPPEAU, 2013). E agora a pergunta que se deve fazer: qual é a relação desses estudos com os epigramas? A resposta para essa pergunta está na citação a seguir:

A poesia de Thomas Morus tornou-se recentemente tema de estudos. E, no entanto, suas qualidades já haviam sido reconhecidas por Clarence Miller quando se encarregou de traduzir os epigramas latinos de Morus para o inglês. Muitas vezes, esses pequenos poemas, como já mencionamos, eram o fruto de uma colaboração entre Morus e Erasmo, pois se inspiravam em poemas gregos recentemente redescobertos que desejavam tornar conhecidos, deles oferecendo uma versão latina. Como com William Lily, tratava-se, então, de uma composição a duas mãos – encontra-se, muitas vezes, entre os humanistas esse prazer de compartilhar as descobertas literárias. Erasmo era um mestre da escrita latina em toda a Europa, não desdenhando dar a sua opinião sobre a prosa latina de seu amigo Morus, que ele considerava um pouco áspera. Mas, no que concerne à poesia, Erasmo reconhecia a superioridade de Morus (PHÉLIPPEAU, 2013, p. 168).

More passou a escrever esse gênero a partir da inspiração nos poemas gregos. No quesito de estilísticas, seu amigo Erasmo sinalizava que More era muito melhor que quando escrevia em prosa. Isso não quer dizer que a obra *Utopia* era menor ou maior que os epigramas. O que se tenta chamar a atenção é que, durante muito tempo, os epigramas ficaram um pouco de lado e muito se debruçou sobre *Utopia*. A pesquisadora Phélippeau, em 2013, explica que, naquele ano, eram recentes os temas de estudos sobre os epigramas de More e, como foi mostrado anteriormente, comparando o número de entradas na busca do **Google Acadêmico**, ainda podemos constatar que esse número é relativamente baixo em relação à obra *Utopia*.

Nesse sentido, é importante lembrar que, em 1518, quando More preparava com Erasmo a terceira edição de *Utopia*, ele fez questão de incluir uma série de ditados, frases, sentenças e provérbios sob o título de *Epigramas*. Esses escritos foram feitos à maneira

de Luciano de Samósata<sup>1</sup> (ALMEIDA, 2008). Os epigramas incluídos por More são de importância fundamental para entender as verdadeiras intenções de *Utopia* (ALMEIDA, 2008). A citação a seguir nos ajuda a compreender um pouco mais sobre os epigramas:

Para que serve ter escapado das furiosas procelas do mar? Seja breve a tua alegria, se não a quiseses inconsiderada. Ela é como a pausa de descanso, que dá alívio aos doentes de febre crônica quando seu mal cruel alterna as suas fases previstas. Quanto mais numerosos são os males que te aguardam na tão esperada terra firme em relação àqueles que deveria enfrentar sobre o flutuar borrascoso! Antes de morrer terás que experimentar o ferro [na tua carne], ou diversas doenças, uma só das quais é mais dolorosa do que a própria morte. Aquela morte, pois, da qual te livraste inutilmente entre as ondas enfurecidas, mas que não deixará de te apanhar, de emboscada, na tua cama (MORE *apud* ALMEIDA, 2008, p. 277).

A presença de tal declaração, como apêndice dos epigramas presentes em um livro sobre a sociedade ideal, demonstra qual era a visão de mundo de Thomas More: que não importa onde você se encontre, mesmo que seja no lugar de mais paz na terra, a morte pode te encontrar (ALMEIDA, 2008).

### Considerações finais

Essa pesquisa apresentou em seu escopo a vida e obra de Thomas More, discussões sobre o gênero epigramático e, por último, traduções dos epigramas de Thomas More. Cumpriram-se os seus objetivos gerais com as traduções dos cinco epigramas: *In Mortis Diem Omnibus Incertum*, *In astrologum uxoris impudicae maritum*, *Vita ipsa cursus ad mortem est*, *De morte*, *De iove mutato*; contribuindo, dessa forma, para os estudos de tradução do latim para o português. Por fim, a análise sobre a importância dos epigramas na obra de More demonstrou que, além de seus escritos poéticos serem obras, também serviram de base para a própria compreensão de sua outra obra escrita em prosa, *Utopia*.

As traduções são importantes para demonstrar o percurso que se realizou, pois, muito além de se traduzir, é necessário deixar o percurso para que outros alunos, principalmente do curso de graduação em Latim, assim como outros estudiosos da área, possam ler esse texto monográfico e compreender o processo tradutório. Por fim, o estudo

---

<sup>1</sup>De acordo com enciclopédia bizantina do século X, Luciano, após uma infrutífera carreira de orador, decide se tornar escritor e morreu devorado por cães (MISHIMA, 2011, p. 10).



dos três epigramas escolhidos colabora para a existência de traduções dos epigramas em língua portuguesa e, assim, espera-se que essa monografia possa vir a colaborar com estudos futuros sobre epigramas e Thomas More.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACKROYD, T. *The life of Thomas More*. Nova York: Anchor, 1999.
- ALMEIDA, M. V. C. E. *Thomas More e a crise religiosa no pensamento humanista: o impasse da utopia*. 295 f. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008.
- CITRONI, M. *What Is an Epigram?: Defining a Genre*. In: HENRIKSÉN, C. *A companion to ancient epigram*. Nova Jersey, Wiley-Blackwell, 2018. P. 19-42.
- COLLINS, M. I. *A filosofia moral e a política na Utopia de Thomas Morus*. 87f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Paraná. Fortaleza, 2010.
- DAY, J. W. *The Origins of Greek Epigram: The Unity of Inscription and Object*. In: HENRIKSÉN, C. *A companion to ancient epigram*. Nova Jersey, Wiley-Blackwell, 2018. P. 229-247.
- Dicionário Etimológico*. Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/>>.
- Dicionário Michaelis*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?rf=palavra=vida>>
- FARIA, E. *Dicionário escolar latino-português*. Rio de Janeiro: FAE, 1994.
- Dicionário Priberam*. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/>>.
- GARCIA, J. M. *Introdução à teoria e prática do latim*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.
- GARCIA, J. M.; CASTRO, J. A. R. O. *Dicionário gramatical de latim: nível básico*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.
- HOSCHELE, R. *Epigram and Minor Genres*. In: HOSE, M.; SCHENKER, D. *A Companion to Greek Literature*. Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2015.
- MARANA, G. P. *Letters Writ by a Turkish Spy*. Sacramento: Creative Media Partners, 2018.
- MARSHALL, P. *Religious identities in Henry VIII's England*. Londres: Ashgate Publishing, 2006.

- MISHIMA, M. D. O. *Luciano de Samósata e a teoria clássica do riso*. 85 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2011.
- MORWOOD, J. *Pocket Oxford latin dictionary*. Inglaterra: Editora da Universidade de Oxford, 1993.
- NICHOLS, F. J. *An anthology of neo-latin poetry*. Londres: Yale University Press, 1979.
- PETTINGER, T. *Biography of Thomas More*. In: Oxford, UK. 3 de agosto de 2014. Disponível em: <<https://www.biographyonline.net/spiritual/thomas-more.html>>.
- PHÉLIPPEAU, M. C. *Thomas Morus e a abertura humanista*. Revista MORUS – Utopia e Renascimento, v. 9, n. 1, 2013, p. 157-175.
- RANSOM, E. A. *Fingerprints of Thomas More's Epigrammata on English Poetry*.
- RIBEIRO, M. L. M. *Epigramas de Henrique Caiado: estudo e tradução dos livros I e II*. 2011. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-19012012-142630/>>.
- RIBEIRO, M. L. M. *Gramática latina*. São Gonçalo: Editora Moitinha, 2019.
- ROCHA, M. B. S. A. *"TVNE ES, TVNE" AIT "ILLE MARTIALIS"*, ecos da poesia de Marcial: um percurso através de épocas e estilos. 170 f. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020.
- ROPER, W. *The life of Sir Thomas More c. 1556*. Edited by Gerard B. Wegemer and Stephen W. Smith. Dallas: Center for Thomas More Studies, 2003.
- SANTOS, A. S. *A Utopia de Thomas More: o debate político e a imersão no seu tempo*. Humanidades em diálogo, v. 3, n. 1, nov de 2009.
- SHARMA, S. K. *The Role and Scope of Translation Studies in the 21st Century*. IOSR Journal Of Humanities And Social Science.
- SILVA, D. C. *Escrever, sobrescrever: metalinguagem nos epigramas de Calímaco*. 141 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014.
- SOUSA, H. E. M. *A Utopia de Thomas More como crítica às desigualdades: uma originalidade para além de platão*. P E R I, v. 09, n. 02, 2017, p. 107 – 124.
- TOUPS, N. J. *Sir Thomas More, Humanist and Hero: a Man for All Ages*. 416f. Tese (Doutorado). Louisiana State University. Louisiana, 1980.
- VILAÇA, P. *Dentro e fora da caixa*. Rio de Janeiro: IBEC, 2019.
- WEGEMER, G. *Thomas More as statesman: a brief sketch*. Dallas: Center for Thomas More Studies, 2001.

WOOD, J. *Sir Thomas More: a man for one season*. In: \_\_\_\_\_. *The broken estate: essays on literature and belief*. The Broken Estate: Essays on Literature and Belief. Nova York: Random House, 1999. p. 3-15.